

O AMBIENTE NAS ADAPTAÇÕES URBANAS DA PAISAGEM CULTURAL LATINO-AMERICANA: O CASO DO JARDIM DE EDIFICAÇÕES PATRIMONIAIS EM EQUADOR E BRASIL

Gina Lobato Cordero

Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia, Minas Gerais, Brasil
E-mail: ginasoloco@hotmail.com

Rosselvelt José Santos

Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia, Minas Gerais, Brasil
E-mail: rosselvelt@ufu.br

Resumo

A relação sociedade-natureza persiste indeterminadamente nos diferentes setores habitacionais urbano-patrimoniais na América Latina e abrange a condição climática como um fator condicionador inerente a qualidade de vida. Nesse contexto, prepondera-se ao jardim além de fornecedor de oxigênio, conforto térmico, fornecedor de alimento e recreação, o valor patrimonial cultural amplificando o sentido do espaço e a vegetação cultivada. Assim, os jardins derivam de partilhas de saberes e pertenças ao lugar, pautando representações de um patrimônio intangível e específico. Nesse trabalho são analisados alguns desprendimentos e resistências relacionadas aos aspectos formais do paisagismo identificado nos jardins de duas edificações, uma no Centro Histórico de Cuenca dos Andes, no Equador e a outra no histórico Bairro Fundinho de Uberlândia-MG, no Brasil. As duas cidades são de colonização Ibérica, espanhola e portuguesa principalmente e, estão localizadas em distintas zonas geográficas como parâmetro de análise da relevância da dinâmica climática com o espaço no contexto patrimonial paisagístico desses jardins. Tendo como conclusão que, a vegetação transforma-se e adéqua-se nos resquícios das áreas patrimoniais e que, as condições geográficas não dialogam com o desenvolvimento socioeconômico urbano, mas sim influencia sob a continuidade dos processos culturais.

Palavras-Chave: Habitabilidade; Pomar; Vegetação; Jardins.

THE ENVIRONMENT IN THE URBAN ADAPTATIONS OF THE LATIN AMERICAN CULTURAL LANDSCAPE: THE CASE OF THE GARDEN IN PATRIMONIAL BUILDINGS IN ECUADOR AND BRAZIL

Abstract

The society-nature relationship persists indefinitely in the different urban-heritage housing sectors in Latin America and covers the climatic condition as an inherent conditioning factor in the quality of life. In this context, the garden predominates in addition to providing oxygen, thermal comfort, donor of food and recreation, the cultural heritage value amplifying the sense of space and the cultivated vegetation. Thus, the gardens derive from sharing knowledge and belonging to the place, guiding representations of an intangible and specific heritage. In this work, some detachments and resistance related to the formal aspects of the landscaping identified in the gardens of two buildings are analyzed, one in the Historic Center of Cuenca dos Andes, in Ecuador and the other in the historic Bairro Fundinho of Uberlândia-MG, in Brazil. The two cities are mainly of Iberian,

Spanish and Portuguese colonization and are located in different geographical areas as a parameter for analyzing the relevance of climate dynamics with space in the landscape heritage context of these gardens. The conclusion is that vegetation is transformed and adapted to the remnants of heritage areas and that geographical conditions do not dialogue with urban socioeconomic development, but influence the continuity of cultural processes.

Keywords: Habitability; Orchard; Vegetation; Regime

EL AMBIENTE EN LAS ADAPTACIONES URBANAS DEL PAISAJE CULTURAL LATINOAMERICANO: EL CASO DEL JARDÍN EN EDIFICACIONES PATRIMONIALES EN ECUADOR Y BRASIL

Resumen

La relación sociedad-naturaleza persiste indefinidamente en los diferentes sectores de vivienda urbana-patrimonial en América Latina y cubre la condición climática como un factor condicionante inherente a la calidad de vida. En este contexto, se destaca al jardín, además de generador de oxígeno, confort térmico, proveedor de alimentos y recreación, como albergador del patrimonio cultural, ampliando el sentido del espacio y la vegetación cultivada. Por lo tanto, los jardines se derivan del intercambio de conocimientos y pertenencia del lugar, guiando las representaciones de un patrimonio intangible y específico. En este trabajo, se analizan algunos desprendimientos y resistencias relacionados con los aspectos formales del paisajismo identificados en los jardines de dos edificaciones, una en el Centro Histórico de Cuenca dos Andes, en Ecuador y otra en el histórico Bairro Fundinho de Uberlândia-MG, en Brasil. Las dos ciudades son de colonización ibérica, española y portuguesa principalmente, y están ubicadas en diferentes zonas geográficas como un parámetro para analizar la relevancia de la dinámica climática con el espacio en el contexto del patrimonio paisajístico de estos jardines. Encontrando que, la vegetación se transforma y se adapta a los resquicios de las áreas patrimoniales y que, las condiciones geográficas no dialogan con el desarrollo socioeconómico urbano, sino que influyen en la continuidad de los procesos culturales.

Palabras clave: Habitabilidad; Huerto; Vegetación; Régimen.

Introdução

Os jardins em áreas de patrimônio urbano têm desempenhado um papel importante na preservação da cultura, religião, gastronomia, estética, dentre os principais aspectos da vida urbana. Mesmos que, com o passar do tempo, alteraram-se em função dos relacionamentos das pessoas com os espaços verdes, devido a tendências econômicas e de influência social. É assim que, jardins, e ainda hortas urbanas, são reinventados assumindo uma função inferior no desenvolvimento urbano das cidades, onde a carência de espaços verdes acessíveis constitui-se em um problema ambiental da qualidade de vida do setor. Segundo recomendação da OMS, como órgão regulador e indicador da qualidade de vida urbana, as cidades deveriam ter áreas verdes úteis, para garantir a sua habitabilidade.

A cidade de Cuenca, segundo o VII Censo Populacional e VI de Moradia, em 2010, indica que conta com 1,82 m² de área verde por habitante; enquanto isso, a cidade de Uberlândia não conta com essa informação, mas de acordo com Toledo; Mazzei; Santos (2009), a partir dos dados do IBGE 2006, indicam que tem aproximadamente 6,6 m² de área verde por habitante. Esses dados de áreas verdes urbanas nas duas cidades, envolvem parques, praças e outros locais públicos, mas não o espaço verde privado, como o caso de jardins, hortas e semelhantes.

Destarte, a responsabilidade da salvaguarda do espaço histórico ajardinado privado em áreas urbanas, recai exclusivamente em seus proprietários e usuários, a as áreas verdes públicas fica por conta de entidades governamentais, além que as áreas analisadas não têm incentivo econômico ao plantio de árvores nas calçadas por particulares. No entanto, a localização deles no prédio faz parte da condição paisagístico patrimonial e cultural, em função do decorrer arquitetônico adotado pela cidade. Assim, cultivar os jardins no espaço urbano, e pontualmente patrimonial, envolve relações sociais compostas não apenas pelas vizinhanças, mas também com os governos e suas políticas de salvaguarda patrimonial e ambiental.

Trata-se de afiançar a esse espaço a possibilidade de se afirmar como gerador de efeitos significativos nas relações de trocas simples, nas práticas culturais entre pessoas, motivando um ambiente urbano favorável à manifestação da natureza numa ligação tangível e intangível com as pessoas. Pois de acordo com a Carta de Atenas (1933, p.18) “Trata-se não só de preservar as belezas naturais ainda intactas, mas também reparar as agressões que algumas delas tenham sofrido; enfim, que a indústria do homem crie, em parte, sítios e paisagens que correspondam ao programa”, além aponta que, os edis têm a responsabilidades de propor espaços na cidade para forjar a saúde física e moral como revigorantes em contrapartida com o trabalho estafante da semana. Desse modo, é relevante promover as diferentes formas de manifestação e cultivo nos espaços verdes no espaço urbano. Pois, segundo Mitchell; Popham (2007), as hortas urbanas são consideradas mais importantes para os seus proprietários que os mesmos espaços verdes públicos.

Além disso, essas práticas sociais envolvendo áreas territoriais estratégias dentro da cidade, revelam contradições, geradas em grande parte pelo interesse do capital imobiliário. Mesmo intimidadas pelo interesse dominante, a vegetação cultivada nestas áreas apresenta um relevante indicador para se analisar a sua preservação ou

desaparecimento. Em grande parte, aborda espaços complexos, lastreados por práticas culturais históricas que apresentam vários usos, onde é possível que determinados aprendizados sociais, tenham caído no esquecimento em função das medidas genéricas de preservação patrimonial tomadas com respeito a paisagem, sem considerar o valor cultural delas no lugar de origem.

Sendo que em 1981 é a Carta de Florência que aborda especificamente o tema dos jardins históricos e, em 1992, a partir da Convenção do Patrimônio Mundial – CPM, foram afinadas as definições e os termos específicos, reconhecendo a importância da paisagem no contexto do patrimônio. Mas o particular valor cultural da paisagem latino-americana, entendido como o produto das culturas originárias e posteriormente a mestiçagem cultural materializa no território, ainda permanece a margem dos bens mundiais reconhecidos pela UNESCO, tendo uma mínima representação das paisagens culturais, segundo a sua lista oficial do patrimônio da humanidade.

Nesse sentido, o valor da paisagem cultural está relacionado ao valor arquitetônico, pois como a Carta de Atenas (1933, p. 25) indica esses são testemunhos do passado respeitados por seu valor histórico ou sentimental “Eles fazem parte do patrimônio humano, e aqueles que os detêm ou são encarregados de sua proteção, têm a responsabilidade e obrigação de fazer tudo que é lícito para transmitir intacta para os séculos futuros essa nobre herança”.

Apesar disto, globalmente os jardins e hortas urbanas, têm se constituído em espaços densamente urbanizados e de usos complexos, especialmente em tempos difíceis. No caso da Europa após a Segunda Guerra Mundial, as cidades são reconstruídas usando modelos em que eles são esquecidos, eliminando as atividades que os geram. Sendo a partir dos anos setenta que os “jardins urbanos e pomares vão ressurgir como uma proposta de apoio à comunidade, em um momento em que a crise energética e recessão econômica são sentidos especialmente em bairros de baixa renda das cidades ocidentais” (MORAN, 2008). Convertendo-se em espaços funcionais de primeira ordem na reativação das cidades.

Outros sinais de reivindicação pela manutenção de hortas e jardins no espaço urbano podem ser percebidos no contexto de crise econômica e suas correlações com a degradação e abandono de espaços residenciais no centro das cidades. Nos Estados Unidos, nos finais dos anos sessenta, ocorrem levantes populares em favor da manutenção dos jardins e hortas urbanas. Os ativistas começaram a ocupar parcelas do espaço urbano, e

outras áreas, para cultivá-las, segundo Moran (2008). Essa situação indica que esses espaços seja um jardim, horta ou semelhante, se adapta no seu uso as necessidades do momento, entendendo assim que o seu nome se fixa por conceitos impostos, mas que pelo seu uso eles podem metamorfosear-se, sem a necessidade de mudar o seu nome.

Um exemplo representativo nessa transformação do espaço urbano compareceu na cidade de La Havana, Cuba, nos anos 1990. O contexto é a queda do bloco soviético, tendo como consequência crises de abastecimento de alimentos. O país reagiu, levando o governo a criar uma Política de Agricultura Urbana em La Havana, a qual começou oficialmente em 1998, com a criação do Grupo Nacional de Agricultura Urbana. Tendo como resultado, a produção espontânea de alimentos por e para a população, com impacto favorável na recuperação de cultivos tradicionais e orgânicos, devido à impossibilidade para importar matérias-primas para a produção de fertilizantes e outros insumos e implementos para o cultivo.

A arrumação daquela política pública beneficiou diretamente 22.700 pessoas que passaram a serem considerados como agricultores urbanos. Em 2009, eles obtiveram uma produção de 285.166 toneladas de produtos hortícolas, Santandreu, Novo Gonzalez (2010).

No caso Cubano, em função de contextos sociopolíticos, o espaço urbano se revelou com um ambiente versátil que pode ser ajustado as necessidades de quem o habita. Consequentemente, trata-se de um exemplo decorrente de contextos de crises. Como elas geram transformações temporárias ou permanentes, a sociedade urbana parece condicionada a dar usos vitais aos espaços verdes para atender diretamente as suas demandas básicas. Contudo, em esses e outro tipo de condições, o verde urbano se dispõe a cumprir com objetivos relacionados à conquista da qualidade de vida nas cidades e reduzir a pegada ecológica, assumindo também estratégias particularmente ornamentais, a nível público e privado, como plantar árvores, construir parques, jardins urbanos e praças ajardinadas.

Na prática, essas tendências infelizmente se reproduzem como modelos genéricos sem identidade, sem um respaldo cultural geográfico relacionado as pertencças humanas com o lugar onde são inseridos. Alheios as características climáticas e culturais, dificilmente reportam-se aos aspectos históricos, étnicos e territoriais de seus moradores, mas sim conquistam o genérico esverdeamento temporal das cidades.

Metodologia

Desde um viés qualitativo, se buscaram identificar características de: localização geográfica, origem de sua colonização, ano de fundação como cidade, número de habitantes, sua extensão territorial e a condição do patrimônio paisagístico da área histórica, nas duas cidades escolhidas, para compreender o espaço jardim em dois contextos climáticos e patrimoniais.

Ao respeito desse último, é importante colocar que, o sistema de identificação do mesmo no Brasil, corresponde historicamente ao sistema exclusivo da colonização portuguesa, na qual é chamado de tombamento, pois o bem era registrado no livro de tomo. Muito diferente acontece na América Hispânica, onde o patrimônio é declarado depois de ser inventariado, não existe o termo tombamento, a nível nacional e internacional. Assim, não se aborda esse particular histórico, mas sim a materialidade e imaterialidade do considerado como patrimônio cultural das cidades, Cuenca em América Hispânica e Uberlândia na América Portuguesa.

Por tanto, depois de definir essas características, se coloca outro parâmetro para o trabalho de campo, pois são áreas urbanas composta por edificações históricas de propriedade privada, por tanto ter acesso a os seus jardins é um ponto definidor da pesquisa. Colocando a constante que a edificação deverá ser propriedade o sob administração pública. Assim também, se colocaram outras especificidades para a escolha, sendo que: as duas edificações têm que albergar um jardim que mantenha a espacialidade no tempo, assim como a sua representatividade no contexto cultural, considerando o processo de criação e de mutação daqueles espaços verdes. Além disso, se levaram em conta o estilo/padrão paisagístico, a espacialidade que os jardins ocupam dentro da edificação e, o contexto do espaço verde exterior onde esses se encontram nas respectivas cidades.

Destarte, depois do reconhecimento da área de estudo com o trabalho de campo, foi constatado que por ser o jardim um espaço que responde a necessidades econômicas, espaciais, estéticas, que a pesar das condições históricas, são exercidas a partir de iniciativas que não dialogam com os documentos guia para intervenção no patrimônio paisagístico. Se definiu analisar um jardim, em visível bom estado de conservação, de uma edificação de importância sociocultural, e entre as mais antigas, em cada área definida das cidades escolhidas, considerando a sua localização ao respeito da edificação, como modelo padrão

de implantação paisagístico pós-colonial, hispano e português, de acordo com a pesquisa histórica preliminar e a observação de campo.

A partir do que, se estudarão as características do paisagismo, a sua materialidade, a identificação da vegetação com o seu nome comum, e os elementos semelhantes ou díspares no planejamento dos seus canteiros, como elementos chave para entender os processos de mudança e adaptação desses espaços. Assumindo que, a cultura é dinâmica, portanto, o patrimônio deve se ajustar; sendo que não se considera uma condição fixa no tempo, mas que acompanha o processo cultural da patrimonialização inerente a paisagem do lugar.

O contexto urbano patrimonial das áreas de estudo em Cuenca e Uberlândia

Nesse estudo, se desenvolveram abordagens sócio espaciais do chamado jardim em duas edificações patrimoniais, contextualizadas nas áreas históricas urbanas de duas cidades da América do Sul. Os territórios urbanos encontram-se em Países que correspondem a uma colonização ibérica, sendo uma, espanhola e o outra, portuguesa. Como a pesquisa envolveu cidades com mais de 300 anos de diferença em relação as suas fundações, se procuraram analisar, a existência de elementos culturais e as mudanças nos usos do espaço jardim ou pomar urbano, localizado naquelas áreas patrimoniais. Cabe também ressaltar que, as duas cidades apresentaram número semelhante de habitantes. Contudo, as áreas de extensão territorial são bastante diferentes. No quadro 1, apresenta-se algumas informações sobre as cidades de Cuenca no Equador e Uberlândia no Brasil. Assim, a partir dos dados pesquisados foi avaliado que elas satisfazem os parâmetros antes indicados.

Quadro 1. Parâmetros referencias para a análise das cidades escolhidas

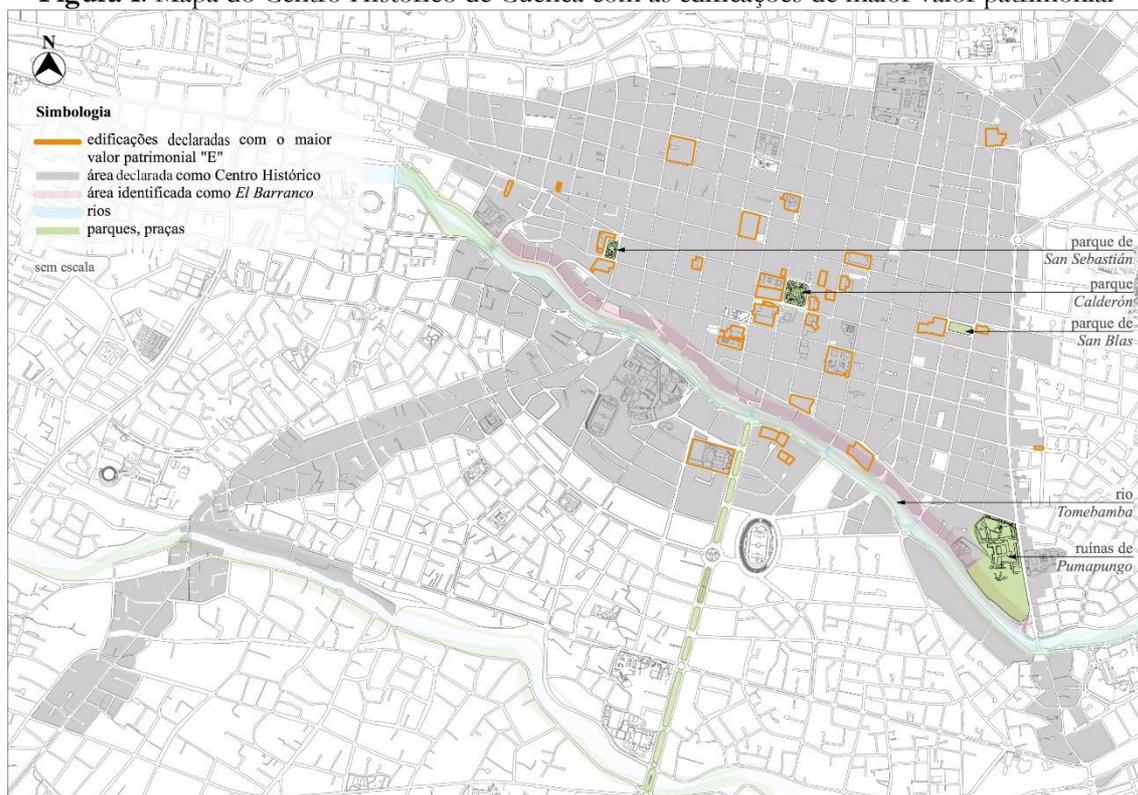
Parâmetros	Cidades	
Nome	Cuenca	Uberlândia
Localização	Sul América	Sul América
Colonização	Espanhola	Portuguesa
Fundação	12 de abril de 1557	31 de agosto de 1888
Habitantes	603.269 hab.	683.247 hab.
Área	72km ²	4.115,206km ²

Fonte: Adaptado pelos autores a partir de INEC (2017) e Prefeitura de Uberlândia (2018).

As duas cidades apresentam núcleos de povoamento considerados como a área antiga ou patrimonial do limite urbano. Em Cuenca, a área contém vários bairros; em

Uberlândia corresponde somente a um bairro. Em Cuenca o núcleo de povoamento é considerado e nomeado como o Centro Histórico-CH da cidade; o mesmo responde a um processo de reconhecimento do patrimônio cultural, primeiro no âmbito nacional em 1982 e, posteriormente inscrito na UNESCO como patrimônio cultural da humanidade, em 1999. O CH tem delimitada uma área de 51,99 km², na qual foram inventariadas 9.967 edificações, em seis categorias de valor patrimonial. Sendo apenas 36 as catalogadas com o maior valor, no Art. 13 da *Ordenança para a Gestão e Conservação das Áreas Históricas e Patrimoniais do Cantón Cuenca* (2010, p. 30), indicando que “Edificações de Valor Emergente (E): São essas edificações que, por suas características estéticas, históricas, de escala, ou por seu significado especial para a comunidade, cumprem um papel dominante excepcional no tecido urbano ou na área em que estão inseridos”, conforme figura 1.

Figura 1. Mapa do Centro Histórico de Cuenca com as edificações de maior valor patrimonial



Fonte: Adaptado pelos autores a partir da Dirección de Áreas Históricas del Ilustre Municipio de Cuenca dos Andes (2015)

Em Uberlândia, o atual Bairro Fundinho, por ser o primeiro núcleo de povoamento é identificado como a origem da cidade, no Século XIX, sendo que no ano 1994, registra-se no Plano Diretor de Uberlândia, que o bairro foi considerado como

Ao analisar as informações cartográficas, se compreende que as duas cidades têm reconhecidas e identificadas, áreas urbanas patrimoniais. Mas no caso de Uberlândia a salvaguarda não representa um elemento proeminente a ser considerado no desenvolvimento da cidade. Contrariamente, em Cuenca, possivelmente pela declaratória em nível mundial, se tem assumida a importância da salvaguarda patrimonial, pois representa não somente uma característica particular da área urbana da cidade, senão também uma atração turística que gera importantes ingressos econômicos.

Contudo, o Centro Histórico de Cuenca perdeu seu status residencial ao longo do tempo pelo crescimento da cidade, segundo Cordero-Cueva (1993); fato que não ocorre no Fundinho, sendo que esse mantém de alguma forma seu uso residencial, de acordo com dados cartográficos de o uso e ocupação do solo, Vale (2003, p .144).

Como já citado, as informações cartográficas, evidenciam o predomínio do uso residencial, mas não só essas encontram-se presentes, há mudanças para outros usos, não residenciais, durante um período aproximado de dois anos, sobre tudo na parte Nordeste e Central do bairro Fundinho. Por outro lado, é importante entender que o uso residencial, apresenta duas categorias unifamiliar e multifamiliar, sendo essa última responsável das edificações em altura de gabarito que dão conta da demanda do espaço, por tanto, da precariedade e mutação dos espaços verdes e jardins. Nos estudos de Vale (2003), 38% das edificações são implantadas com afastamento frontal, um 26% com alinhamento/afastamento frontal parcial e um 36% não apresentam afastamento, ou seja, se alinham na testada do lote. Assim, somente o 24% dos imóveis apresentam jardim frontal total, e 6% com jardim frontal parcial e 70% com diferentes tipos de espaços verde. Em outros termos, diversos tipos de jardins, laterais e posteriores que se adequam estão presentes nas residências.

Contudo, nas pesquisas de campo, a partir da observação e da leitura da paisagem, nas que se problematizaram as interações entre o antigo e o moderno, foi possível entender que outras formas de cultivo ocorrem em espaços reduzidos. Na paisagem do bairro fundinho elas ocupam elementos arquitetônicos como sacadas, janelas e assemelhados, principalmente nos edifícios residências. No processo de verticalização das cidades aqueles elementos representam e viabilizam formas criativas de contato direto com a natureza, além de serem os principais provedores de iluminação, ventilação e contato visual com o entorno das habitações.

Destarte, a disposição desses espaços com vegetação em relação à edificação decorre espontaneamente da iluminação natural, superfície e, acesso a irrigação principalmente, exercida a partir de tendências e tradições culturais próprias ou adotadas, nas quais a condição climática tem implicações que parecem condicionar o paisagismo em áreas patrimoniais. Em vista disso, apesar de serem cidades de colonização ibérica, e posteriores influências europeias, indicam que esses espaços ajardinados adaptaram seu uso aos climas, frio de Cuenca e quente de Uberlândia.

No Fundinho, observou-se que as condições salútares foram um alvo a ser atingido com a criação dos espaços para cultivo de vegetação localizados em entorno das edificações, conforme figura 3. Que, de acordo com Vale (2003, p. 57) “A implantação das construções ecléticas, com afastamentos frontais e laterais dos limites dos terrenos, além de melhores condições de arejamento dos cômodos, introduz os jardins residenciais como locais de embelezamento e uma nova forma de apreciação da natureza”, permitindo assim que naqueles espaços se criara a possibilidade de que os jardins existam no cotidiano.

Ao examinar os mapas em diferentes momentos históricos das duas cidades se observou que nas primeiras construções durante a colônia e o império, as casas não apresentavam afastamentos, elas se encontravam juntas dando continuidade as fachadas, principalmente nas áreas de maior importância da cidade. Em Uberlândia, essa proximidade entre as casas era menor e acontecia somente nas áreas entorno da *Igreja matriz*, Vale (2003, p. 49). Desta forma, percebeu-se que no caso da localização geográfica de Uberlândia, e possivelmente em várias cidades do Brasil, o clima é um condicionante relevante para analisar as mudanças dos sistemas construtivos e modelos arquitetônicos coloniais impostos em relação a construção e ao paisagismo. Também se considerou que além do clima, a cultura do colonizador influenciou fortemente na localização dos espaços verdes privados e públicos, enfim na paisagem urbana.

No caso dos espaços de cultivo das edificações em Cuenca dos Andes, é o pátio central, em torno ao qual a edificação alcança o seu sentido arquitetônico especial, conforme figura 3. O espaço deparado como jardim e sementeira¹, já vem concebido como uma repetição arquitetônica por imposição colonial nas construções agora patrimoniais, mas não em relação ao tipo vegetação cultivada. Trata-se basicamente de uma distribuição

¹ “ajardinados que combinam plantas ornamentais, medicinais e alimentícias, em porcentagens onde nenhuma das duas categorias anteriores, isoladamente, supere 70% dos cultivos [...] abriga e combina várias atividades e formas de cultivo de forma equilibrada (Lobato-Cordero, 2018, p. 50, 154)

espacial que não abrigou mudanças na sua disposição, pois segundo Martinez (2017), elas ocorreram principalmente nas fachadas dos prédios; mas sim, foram estabelecidos arranjos no tipo da vegetação no processo de adaptação as condições climáticas das cidades fundadas no novo continente.

As casas no CH de Cuenca, foram construídas coladas umas as outras, sem que essa característica interfira na salubridade e habitabilidade de quem as habita, condição que se pode atribui à baixa temperatura em comparação com Uberlândia, que apresenta uma temperatura média anual entre os 18°C e 29°C, e Cuenca apresenta, uma temperatura média anual que varia entre 15°C e 20°C. Por conseguinte, nenhuma das duas cidades enfrenta estações climáticas extremas; dinâmica completamente diferente a das localizações de origem dos modelos arquitetônicos e paisagísticos implantados na América no momento da conquista.

Figura 3. Fotografias dos jardins da Casa da Cultura em Uberlândia e do pátio ajardinado do *Museo de la Medicina* em Cuenca



Fonte: Dos autores.

Em decorrência dessa característica de origem, os jardins do Fundinho têm uma aparência diversa a o ajardinamento no pátio das edificações do CH, pois esse último é

interno e não tem contato direto com a rua. Fato que lhe permite assumir atributos aparentemente menos formais, estabelecendo benefícios a quem os usam, ao consentir o cultivo de vegetação não ornamental, mas de relevante valor cultural. Contudo, eles não negam a possibilidade de serem também puramente ornamentais. Importante avultar que na cidade de Cuenca, os jardins não fazem parte abertamente do visual paisagístico da cidade, mas sim do seu patrimônio cultural.

Desta forma, para atender os objetivos dessa pesquisa, visto que a área do Bairro Fundinho é aproximadamente 43 vezes maior a do Centro Histórico de Cuenca, foi priorizado o estado de conservação dos jardins observados e a sua função cultural, assim como parâmetros que já mencionados na metodologia.

O papel do jardim nos prédios de maior valor patrimonial

Tanto quanto em Uberlândia e Cuenca, os espaços verdes considerados como jardins ou pomares urbanos, comparecem nos lugares sempre e quando as suas presenças, em dimensões, distribuição espacial ou beleza, têm desdobramentos econômicos para com as atividades na área onde se encontram no interior do prédio. No caso da área patrimonial de Cuenca dos Andes, esses espaços, têm valor de conservação irresoluto por conveniência, em função da declaração patrimonial do conjunto arquitetônico. Contudo, não se dispõem de diretrizes próprias para a sua análise e salvaguarda o que, enfatiza a sua incerteza no inventário de salvaguarda em relação ao conjunto arquitetônico. Assim, os seus valores intangíveis contidos na vegetação, a materialidade, possíveis elementos escultóricos e, a sua distribuição espacial são modificados ou, em alguns casos, completamente removidos.

Sobre esse fato, o pátio ajardinado das edificações patrimoniais do CH apresenta uma tipologia de esverdeamento particular, pois contem sementeiras, jardins e hortas. Naquele espaço se reconhece um acontecimento cultural de grande importância que é a mestiçagem cultural abrigada na paisagem, da qual decorre considerações e práticas ancestrais que identifica a presença de sementeiras, no lugar do conceito jardim. Propondo uma nova tipologia que combina vegetação de vários usos, medicinais, alimentícios, rituais, religiosos e também puramente estéticos no espaço considerado jardim (LOBATO-CORDERO, 2018).

O bairro Fundinho, em Uberlândia, atualmente apresenta articulações entre estilos arquitetônicos novos e antigos, desencadeando a especulação imobiliária dos seus sítios, com uma intensa verticalização retrogradada para a construção de imóveis de apartamentos de alto padrão, administrados a partir de sistemas de condomínios, que pouco resgatam de seus antigos jardins, pomares e hortas contidas nos seus quitais.

Os prédios do Fundinho contemplam reduções e eliminações dos jardins, anunciando outras pertencas e interesses dos sujeitos envolvidos. Nesse contexto, trata-se de um espaço dotado de acepções e indefinições paisagísticas. O bairro no seu processo de reconstrução, é descaracterizado com tendência à negação das práticas sociais tradicionais enquanto outras permanecem articuladas à memória. As construções antigas revelam proeminências impulsivas e alegóricas de um espaço aberto para o moderno que encurrala seus jardins, pomares e hortas corporificando frigidez em seus atos práticos.

Ao analisar o papel dos jardins ou sementeiras nas duas cidades, concentra-se a pesquisa em duas edificações, identificadas como as mais antigas, uma em cada cidade. O processo de escolha considerou os seguintes aspectos em relação aos seus espaços: a) que alojem um jardim ao redor ou no interior das edificações, b) que as edificações sejam consideradas como equipamento urbano da cidade e, c) que estejam localizadas na frente de uma praça ou espaço verde de uso público. Essa última característica permitiu analisar a relação do jardim com o entorno paisagístico imediato e a sua colocação como equipamento urbano de reconhecimento cultural.

Destarte, em Cuenca se indica a sementeira do pátio central do *Museo de la Medicina*, o primeiro hospital da cidade, que data de 1890 aproximadamente, localizado na margem sul do rio *Tomebamba*. Em Uberlândia, os jardins da Casa da Cultural, cuja construção data entre 1922 a 1924. Essas duas edificações selecionadas atendem os parâmetros indicados e detalhados conforme dados no quadro 2.

Quadro 2. Parâmetros referências das duas edificações escolhidas

Parâmetros	Exemplares	
Localização	Cuenca	Uberlândia
Área/Bairro	Centro Histórico	Limite do Bairro Fundinho
Nome da edificação	<i>Museo de la Medicina</i>	Casa da Cultural
Ano de construção	1890	1922-1924
Uso	Museu	Atividades Culturais
Jardim localização	Central	Em torno
Antigo Uso	Hospital/Religioso	Residencial

Numero de andares Praça/Espaço verde na frente	Dois El Barranco	Dois Praça Coronel Carneiro
---	---------------------	--------------------------------

Fonte: Pesquisa em dados bibliográficos e sintetizados pelos autores.

A edificação do *Museo de la Medicina*, foi inventariado como uma das edificações com maior valor patrimonial, sendo que a sua salvaguarda é obrigatória, em função da declaratória do Centro Histórico de Cuenca como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1999. A edificação da Casa da Cultura em Uberlândia, segundo Vale (2003), foi tombada pela Lei Municipal 4217/1985, e doada, em regime de comodato pelo Estado em 1984, como Casa da Cultura para a Prefeitura Municipal. Fatos que corroboram o seu valor patrimonial reconhecido.

O *Museo de la Medicina*, foi construído depois de 333 anos da fundação de Cuenca e, a Casa da Cultura, foi construída depois de 34 anos da fundação de Uberlândia, tendo entre elas, aproximadamente, 32 anos de diferença no início da sua construção. Esses dados, no caso dos jardins, são representativos, porque a vegetação apresenta constantes mudanças por conta das suas características próprias, pelo clima, pelas influências decorrentes das tendências do paisagismo e também dos critérios para a sua manutenção.

Por outro lado, em relação ao entorno florístico imediato aos jardins escolhidos; em Cuenca se tem *El Barranco*, que por sua vez constitui uma das áreas verdes públicas ecológicas e patrimonialmente mais representativas. O termo barranco faz referência ao desnível topográfico entre as margens, norte e sul, de um dos rios mais importantes, o *Tomebamba*, conforme figura 4. Esse limita e divide a área urbana patrimonial, tendo a margem norte maior altura do que a margem sul, conseqüentemente a área patrimonial se encontra ao norte e, a expansão principalmente pós-colonial ao Sul.

Todavia o rio *Tomebamba*, tem um papel cultural extraordinário na história da conformação da cidade. A natureza de *El Barranco*, na correspondência da área em frente ao jardim do antigo hospital, não apresenta uma intervenção de planificação paisagística significativa, sendo mantidas as suas características nativas com apenas algumas incorporações de passarelas de pedestres, mobiliário e algumas luminárias, que acondicionam o espaço para um melhor aproveitamento. Apesar disso, a vegetação tem hospedado espécies variadas, principalmente árvores frondosas, além de ter o solo recoberto de grama ou conhecida localmente como *kikuyo*.

Em Uberlândia, a Praça Coronel Carneiro se encontra na frente à Casa da Cultura e nos seus jardins predominam árvores de copas frondosas como a sibipiruna conforme figura 4. Inicialmente aquele espaço não tinha um tratamento paisagístico específico, apesar disso a partir de século XIX, o ajardinamento dos espaços públicos assume importância no Brasil, mudando assim, por várias razões, a sua estética, como aponta Vale (2003, p. 31) “Estes espaços, ao longo dos anos, quase sempre passaram por reformas que sucessivamente, substituíam, além da nomenclatura, os equipamentos, as espécies vegetais e o próprio partido de desenho de acordo com as modas e as intenções políticas das gestões municipais”. Deste modo, parece que pontualmente essas modificações não respondem as necessidades dos usuários desses espaços, mas sim aos interesses dos governos.

Figura 4. Imagem aérea da relação dos prédios do *Museo de la Medicina* e da Casa da Cultura com o entorno



Fonte: A) Adaptado de Google Earth Pro (2019); B) Adaptado de Aéreo Udi (2019).

Os dois espaços verdes externos imediatos aos jardins de estudo, apresentam características diferentes. O primeiro, mantém de alguma forma a sua condição topográfica originária com intervenções singulares, sem estabelecer um diálogo indispensável com elementos estéticos ou de grande impacto que possam ser reproduzidos no jardim interno, além de ter dimensões e limites definidos. Por outro lado, o jardim interno do museu está separado do entorno, de *El Barranco*, pelas edificações que o delimitam. Condição muito diferente aquela da Casa da Cultura, pois ela está em completa conexão visual com a Praça Coronel Carneiro, conseqüentemente com o seu entorno público.

Assim, essa situação pode também ser considerada como favorável para a segurança e salvaguarda do prédio, pois “o fato de a edificação estar situada em uma

esquina e em frente a uma praça resguardou, de certa forma, parte da ambiência e da visibilidade da casa” (PREFEITURA DE UBERLÂNDIA, 2002). Em decorrência da sua posição geográfica, se considerou mesmo em caráter especulativo, que esse contato tem influência material e imaterial nos usos e funções dos espaços verdes privados.

Sendo assim, as interações públicas e privadas nos jardins externos afetam e são afetados pelos acontecimentos de natureza diferente nas duas cidades. No entanto, ressalta-se o fato que nos jardins internos parece não acontecer amplas interações, pois o seu involucro construído recebe a maioria dos impactos na fachada, mas internamente parece responder as necessidades particulares dos seus usuários. Nessa perspectiva torna-se necessário compreender os contextos que levaram as pessoas, mediante ou não as manifestações de tendência, a acolherem total ou parcialmente a adoção de mudanças.

Caraterísticas da vegetação e da proposta paisagística da sementeira e do jardim do *Museo de la Medicina* e da Casa da Cultura

Do que se tem observado no jardim externo, a vegetação e os canteiros que a contem, são modificados principalmente pelos interesses governamentais de cada período. Como um dos resultados da pesquisa, pondera-se que os governantes em seus empenhos prosélitos, raramente criam políticas públicas onde as representações culturais em seu processo de readequação rompam com os objetivos fora das tradições do lugar e se comprometam com as pertencas e identidades do seu povo.

No caso da paisagem latino-americana, que abrange os jardins, a herança ancestral dos povos originários parece não ter existido. É grave o fato que, os saberes étnico-culturais originários não sejam fomentados por políticas públicas a comparecerem nas áreas verdes da cidade. Geralmente são inviabilizados de existirem naqueles espaços urbanos, públicos e privados. Assim, os jardins latino-americanos expõem, em comum, supressões históricas de seus lastros culturais. Na realidade, o que se observa nas concepções e efetivações dos jardins é basicamente a afirmação de conceitos ocidentais estabelecidos e aplicados na planificação e construção das áreas verdes.

Novas propostas que apontam para a mitigação de impactos ambientais, saúde, condição alimentar e melhor qualidade de vida nos centros urbanos, assinalam a importância da vegetação, inclusive original, desfazendo os demarcados limites dos espaços verdes e de cultivo impostos. Contudo, são propostas que ainda não colocaram a

necessidade de incluir o conhecimento ancestral originário. Não basta que saberes e fazeres estejam implícitos, são necessários o reconhecimento e sua afirmação na paisagem urbana.

No caso do Museu em Cuenca, tendo sido originalmente um espaço de caráter religioso com a função específica de hospital, se assume que a pluralidade da vegetação cultivada no espaço sementeira-jardim foi de uso medicinal ou religioso ornamental, pois era esse o costume em outros recintos religiosos que ofereciam amparo para os adoentados.

Nos dias atuais, esse espaço alberga vegetação com propriedades medicinais, que se mantém cuidado com a iniciativa do responsável pela administração do museu. Naquele jardim é possível encontrar árvores, arbustos, ervas medicinais e muito pouca vegetação rasteiras, como gramíneas, conforme figura 5.

Figura 5. Plano geral da vegetação da sementeira-jardim do *Museo de la Medicina* Cuenca



Fonte: Os autores; adaptado de Municipalidad de Cuenca (2007).

Importante também observar que a estética envolvendo a proposta não tem uma leitura de um projeto paisagístico previamente estabelecido, as plantas são colocadas em

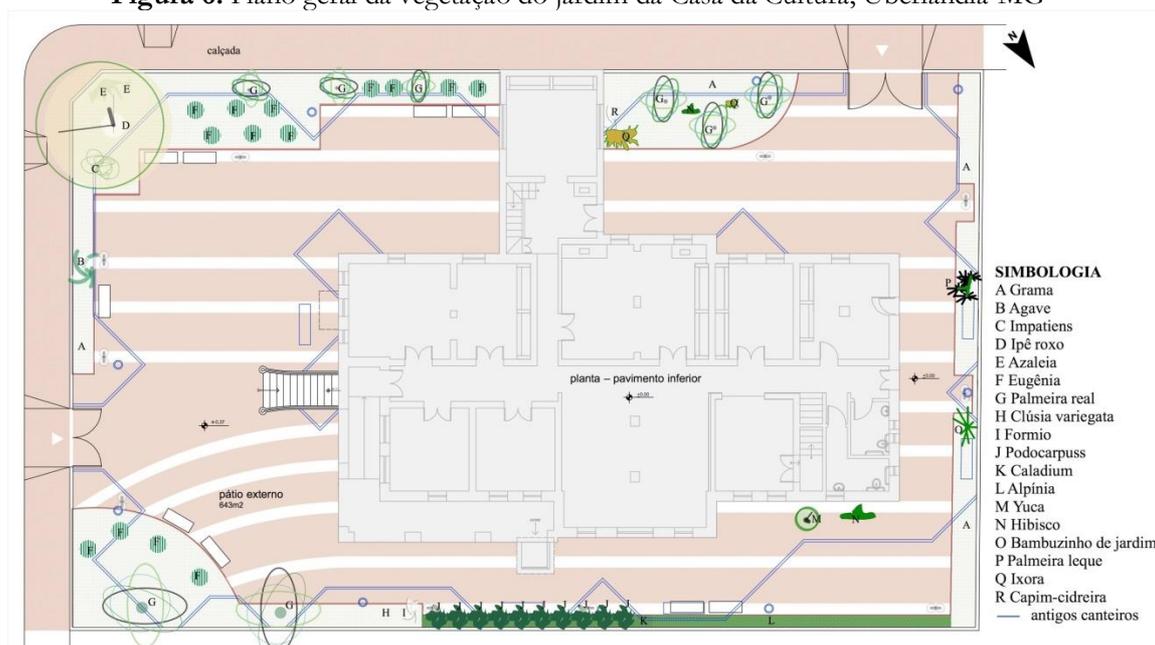
função da disponibilidade do espaço e das espécies. Os canteiros mantêm a distribuição original das plantas, com algumas mínimas modificações empíricas com a intenção de reparar deteriorações.

Originalmente o centro do pátio deveria ter uma fonte, pois é o que se tinha como costume nos pátios religiosos modelo trazido com a conquista, onde a fonte de água é central e faz referência a Deus e as tradições ocidentais; mas não se tem registrada informação que indique que o pátio do Museu tinha sido planejado com uma fonte central. O pavimento interno é em telha de pedra em formato quadrado, sendo o corredor em torno do pátio em tijolo de terracota em formato retangular e hexagonal, além de britas nas bordas. Segundo as informações obtidas nos trabalhos de campo, a partir de observações e entrevistas, a vegetação centenária não se encontra naquele jardim. Aparentemente as árvores têm entre 20 ou 30 anos aproximadamente. Os arbustos, ervas medicinais e assemelhados estão em constante troca. Fato que não ocorre com os elementos arquiteturais do paisagismo.

Dentre toda essa vegetação, convivem plantas originais dos Andes e outras introduzidas durante a invasão espanhola. No conjunto, são plantas que passaram por um processo de adaptação as condições geográficas, culturais, climáticas e principalmente, relacionadas ao trabalho desempenhado pelos membros da cultura espanhola. Seus representantes conseguiram estabelecer no cotidiano diferentes formas de cultivar e empregar diversos usos da vegetação. Nada obstante, as intervenções ocorrem descomprometidas com os lastros culturais, ameaçando a salvaguarda dos patrimônios.

No que se refere a vegetação da Casa da Cultura, no bairro Fundinho, são plantas que estão alinhadas a um aspecto formal com predominância ornamental, pois essa característica não é a única que dialoga com a origem-função das plantas, mas é a que tem sido atribuída as plantas desde as imposições conceituais históricas. Conseqüentemente, como se pode apreciar na figura 6, elas representam uma continuidade do espaço público exterior. Não se encontraram sementeiras de ervas de usos medicinais ou alimentícios, como acontece com a sementeira-jardim do *Museo de la Medicina* em Cuenca, sendo justificada pelo seu uso como museu e não tendo como aspectos histórico o uso da medicina.

Figura 6. Plano geral da vegetação do jardim da Casa da Cultura, Uberlândia-MG



Fonte: Os Autores; adaptado de Prefeitura Municipal de Uberlândia (2001).

As modificações feitas ao imóvel, conseqüentemente ao pátio e tudo o que esse abriga, decorrem de vários usos até se converter na Casa da Cultura. No entanto, o Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Minas Gerais, Brasil, aponta para a seguinte vegetação identificada no prédio: “palmeira imperial, bico de papagaio, areca bambu, primavera, pau-brasil, jasmim manga, clorofito, leea verde, guaimbé, maranta, dracena, ave do paraíso e sibipiruna”, Prefeitura Municipal de Uberlândia (2002). Considerando que apenas a palmeira imperial encontra continuidade no espaço, reafirma-se que o tipo de vegetação é de característica ornamental.

Em referência ao estilo arquitetônico do pátio, a Casa da Cultura apresenta uma mudança importante que deve ter acontecido depois do ano 2001, pois nesse ano o desenho de canteiros tem uma geometria angular e reta, como se poder avaliar nas linhas em azul, no plano da figura 6. Assim, o pavimento, tinha um formato quadrado em cor cinzento, segundo fontes fotográficas, sendo muito diferente do atual. Hoje (2019) se aprecia em cor terracota feita por pedra portuguesa como as de calçada, mas combinadas com linhas brancas no mesmo material, colocadas de forma reta, e curva na esquina direita do ingresso ao pátio frontal, formando uma padronagem em todo o piso, conforme figura 6.

Considerações finais

Os pátios analisados evidenciam que a antiguidade ou o tombamento e declaratória da construção não é um fator marcante nas mudanças realizadas no paisagismo dos seus espaços verdes, mas sim a consideração e a divulgação da importância patrimonial do bem para com os seus cidadãos por meio das iniciativas particulares, nacionais ou internacionais em favor da salvaguarda dos patrimônios culturais. O *Museo de la Medicina* completa 128 anos de construção, 36 anos da declaratória nacional e 19 anos da declaratória mundial. A Casa da Cultura tem 96 de construção e 33 anos de tombamento, sendo modificada de forma mais marcante em 1985, ano de tombamento segundo a lei municipal.

Também pode se observar que o clima e as condições de habitabilidade em zonas consideradas tropicais modificam padrões históricos e impositivos. Trata-se de mudanças necessárias a fim de conseguir qualidade de vida, característica que não pode ser reproduzida sem se ajustar as diferentes realidades geográficas e culturais. As modificações não somente intervêm no seu aspecto físico, mas também no comportamento, costumes, tradições, alimentação e cultivo da vegetação.

Uma característica importante é considerar que tendências e estilos acolhidos no tempo, quando se fixam nesses espaços, enriquecem a sua composição. Também quando conseguem se adaptar ao contexto cultural específico, tornam-se representativos dos costumes e tradições, como no caso de Cuenca. Assim, é importante na concepção e preservação das áreas verdes lembrar sempre que a cultura está sempre em constante movimento. As trocas culturais, no caso dos jardins se materializam na paisagem, comparecendo com suas particularidades em espaços determinados. Onde elementos patrimoniais principalmente arquitetônicos estão presentes e possivelmente tombados, sem possibilidade de se adaptar ao tempo, indo contra os princípios da patrimonialidade.

Essa condição básica de adaptabilidade da patrimonialidade não resulta de simples aplicação no contexto latino-americano, pois os reconhecimentos e as políticas culturais e de salvaguarda patrimonial paisagística não contemplam o aporte cultural dos povos originários dessa área do continente. O que dá continuidade ao padrão imposto desde o século XVI, rompendo com o conceito sustentável da vida na terra, deixando invisível uma parte do patrimônio cultural originário, na busca de se adaptar para existir no tempo.

A América Latina é um ecossistema fundamental no planeta, assim como os outros, que tem características próprias que permitem o equilíbrio dos espaços habitados. Contudo, o fenômeno da globalização está sempre presente buscando a imposição de uma homogeneidade insustentável.

Referências

- ATTUX, Denise Elias. **Revitalização Urbana em Centros Históricos: Estudo de Caso do Bairro Fundinho**/Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17839/1/ProducaoEspacoUrbano.pdf>. Acesso em: abr. 2019
- LE CORBUSIER; SERT, José Luis. **Carta de Atenas. IV Congreso de Arquitectura Moderna (CIAM) Marsella-Atenas-Marsella, 1933**. Atenas: CIAM, 1942.
- CORDERO CUEVA, Fernando. La cuadrícula en la ciudad hispanoamericana, un modelo urbano permanente: el caso de la ciudad de Cuenca, Ecuador. In: FACULTAD DE ARQUITECTURA. **En 500 años: Historia, actualidad y perspectiva**. Cuenca: Universidad de Cuenca, 1993. p. 329-362.
- DIRECCIÓN DE ÁREAS HISTÓRICAS DEL ILUSTRE MUNICIPIO DE CUENCA. **[Inventario de viviendas patrimoniales valoradas del Centro Histórico de Cuenca]**. Cuenca, 2015. 1 CD.
- INEC. Instituto Nacional de Estadísticas y Censo. 2012. Disponível em: <http://www.ecuadorencifras.gob.ec/indice-verde-urbano/>. Acesso em: abr. 2019
- LOBATO-CORDERO, Gina. **O jardim andino: da mestiçagem cultural a outra paisagem em Cuenca dos Andes**/Dissertação (Doutorado em Geografia) Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, 2018.
- MARTÍNEZ BORRERO, Juan. La Acción Católica en Cuenca, Ecuador, durante el primer tercio del siglo XX: de las asociaciones obreras a una ‘ciudadanía moral’. **Procesos**. Cuenca, Universidad de Cuenca, Ecuador, p. 67-90, jul-dic. 2017. Disponível em: <http://revistaprocesos.ec/ojs/index.php/ojs/article/view/649>. Acesso em: 28 dez. 2019 DOI: <http://dx.doi.org/10.29078/rp.v0i46.649>
- MITCHELL, R. y POPHAM, F. 2007. Greenspace, urbanity and health: relationships in England, **Journal of Epidemiology & Community Health**, p. 681-683. Disponível em: <https://jech.bmj.com/content/61/8/681>. Acesso em: jul. 2019
DOI 10.1136/jech.2006.053553
- MORÁN, Nerea. **Huertos y jardines comunitarios**. Madrid, 2008. Disponível em: <http://habitat.aq.upm.es/boletin/n40/anmor.html>. Acesso em: abr. 2019
- MUNICIPALIDAD DE CUENCA. Cuenca **Guía de Arquitectura**. Cuenca–Sevilla: Municipalidad de Cuenca, 2007.
- PREFEITURA DE UBERLÂNDIA. 2015. **Secretaria Municipal de Planejamento Urbano, Diretoria de Pesquisas Integradas, Diretoria de Urbanismo**. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Conteudo&cid=134>. Acesso em: abr. 2018.

_____. **Mapa Setor central da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano, Diretoria de Pesquisas Integradas, Diretoria de Urbanismo.** Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Conteudo&id=134>. Acesso em: abr. 2019.

_____. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural Minas Gerais Brasil.** 2002. Disponível em: http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/6355.pdf

Acesso em: nov. 2018.

_____. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural Minas Gerais Brasil.** 2001.

TOLEDO, Fabiane, dos santos; MAZZE, Kátia; SANTOS, Douglas, Gomes dos. Um índice de áreas verdes (IAV) na cidade de Uberlândia / MG. **Revsbau**, Piracicaba: SP, v.4, n.3, p.86 - 97, 2009.

SANTANDREU, Alain; GONZALEZ NOVO, Mario. La Habana, Cuba: **Política de Agricultura Urbana.** Portugal, 2010. Disponível em: http://www.uclg-cisd.org/sites/default/files/La%20Habana_2010_es_FINAL_0.pdf. Acesso em: jul. 2019

SILVA, J. W.; GUIMARÃES, E. C.; TAVARES, M. Variabilidade temporal da precipitação mensal e anual na estação climatológica de Uberaba, MG. **Ciência e Agrotecnologia**, v.27, n.3, p.665-674, 2003.

VALE, Marília Maria Brasileiro Teixeira. **Bairro Fundinho.** Prefeitura de Uberlândia. 2003.

Submetido em: fevereiro de 2020.

Aceito em: julho de 2020.